

PROMOÇÃO DA SAÚDE FONOAUDIOLÓGICA EM INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS. Fernanda Domenegueti; Luciana Tavares Sebastião; Eliana Maria Gradim Fabron – Fonoaudiologia – Fonoaudiologia – Departamento de Fonoaudiologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

A instituição escolar é um cenário privilegiado para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde de alunos.

Promoção da saúde, segundo a Carta de Ottawa, diz respeito ao processo de capacitação da comunidade visando à melhoria de sua qualidade de vida e saúde. Ainda segundo esse documento, as ações de promoção da saúde devem incluir o acesso à informação, bem como a experiências e oportunidades que possibilitem escolhas por uma vida mais saudável (BRASIL, 2002).

Neste sentido, ações educativas visando à construção de conhecimentos sobre temas relacionados à saúde infantil são importantes e devem envolver os pais ou responsáveis pelos alunos devido à importância da participação deles tanto na identificação quanto no tratamento dos agravos à saúde de seus filhos, bem como para a adoção de medidas que contribuam para a prevenção de tais agravos e para a promoção da saúde da criança.

Hubig & Schochat (1997) consideraram necessário que os membros da equipe escolar, dentre eles professores e dirigentes da instituição, tenham conhecimentos sobre as patologias auditivas, bem como sobre a progressão e as consequências dessas doenças para o indivíduo. Tal conhecimento favoreceria, segundo as autoras, a identificação e o encaminhamento dos indivíduos com tais patologias.

Segundo Silverman e Zimmer (1975), a atmosfera escolar pode ser um fator de tensão devido à alta expectativa quanto ao desempenho escolar por parte dos pais e professores e ao espírito competitivo entre as crianças e assim colaborar para o desenvolvimento de disfonias.

De acordo com Behlau e Gonçalves (1988) pode-se observar, em qualquer recreio escolar, o enorme desgaste ao qual as crianças submetem seu aparelho fonador. Cada vez mais, a dinâmica cotidiana infantil possibilita uma série de brincadeiras propícias ao abuso vocal, tais como, brincadeiras de pega-pega, bola, imitações de vozes ou ruídos de animais em situação de recreio, aniversários, entre outras situações (Caglio et al, 1997).

Ações educativas visando contribuir para a saúde vocal infantil devem também envolver os próprios alunos, capacitando-os para a adoção de cuidados com sua própria saúde. Segundo Focesi (1992, p.20), “a prevenção da doença necessita da Educação para preparar o escolar para conhecer o próprio corpo e seu funcionamento, a etiologia das doenças, sua relação com o meio e medidas para evitá-las”.

Diante do exposto, o projeto “Promoção da saúde fonoaudiológica em instituições educacionais”, tem os seguintes objetivos: 1) Caracterizar os conhecimentos de pais e alunos das instituições educacionais em que o projeto será realizado sobre processos de desenvolvimento da linguagem oral e audição, bem como sobre aspectos relacionados à voz e motricidade oral dos alunos dessas instituições. Identificar queixas sugestivas da ocorrência de alterações vocais e auditivas nos alunos e práticas sociais relacionadas à prevenção de alterações nessas áreas e à adoção de atitudes voltadas para a promoção de saúde, relacionadas a tais aspectos. 2) Com base nos dados obtidos, elaborar e desenvolver ações educativas com os pais e alunos da instituição educacional visando à construção de conhecimentos que favoreçam a promoção da saúde nas áreas trabalhadas, bem como a prevenção de problemas fonoaudiológicos. A elaboração e o desenvolvimento das ações educativas contará com a participação dos educadores responsáveis pelos alunos.

O referido projeto vem sendo desenvolvido com pais de alunos de uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino de Marília.

Os dados que serão apresentados a seguir referem-se à investigação inicial realizada com os pais dos alunos da escola selecionada e que visou obter informações sobre queixas sugestivas da ocorrência de alterações vocais e auditivas nos alunos, bem como sobre práticas sociais relacionadas à prevenção de alterações nessas áreas e à promoção da saúde vocal e auditiva dos alunos envolvidos.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados questionários enviados para serem respondidos em casa. Participaram dessa investigação inicial, até o momento, 30 pais de alunos na faixa etária entre 5 e 6 anos.

Questionados sobre suspeitas em relação a problemas auditivos em seus filhos, 27 (90%) dos pais negaram tal problema e 3 (10%) relataram comportamentos que sugeriam dificuldades auditivas.

Em relação ao questionamento sobre problemas sugestivos da ocorrência de doenças otológicas, 19 (63%) pais mencionaram dor de ouvido; 8 (27%), purgação; 6 (20%), infecção de ouvido e 5 (17%) respondentes apontaram perfuração da membrana timpânica.

A investigação a respeito das condutas dos pais ao observarem problemas otológicos em seus filhos mostrou que 23 (77%) responsáveis procuravam por atendimento médico; 2 (7%), faziam tratamento medicamentoso e 2 (7%) utilizavam medidas caseiras para tratar o problema.

Em relação às queixas relacionadas a problemas vocais, 19 (63%) pais negaram observar tais problemas em seus filhos; 4 (13%) classificaram a voz de seus filhos como sendo alterada e 2 (7%) apontaram a presença de rouquidão.

A investigação a respeito das condutas dos pais ao observarem problemas vocais em seus filhos mostrou que 11 (37%) respondentes solicitavam aos filhos que estes fizessem repouso vocal. Dois pais relataram pedir para a criança se acalmar e outras duas, para falar baixo.

A investigação sobre os conhecimentos que os pais possuíam a respeito de hábitos relacionados à saúde vocal mostrou que 8 (27%) dos pais não responderam, podendo ser esse um indicio da falta de informação sobre saúde vocal. Dos 22 (73%) pais respondentes, os hábitos saudáveis mais frequentemente citados foram: não gritar (n = 9; f = 41%); falar baixo (n = 9; f = 41%); não tomar gelado (n = 5; f = 23%) e cantar (n = 4; f = 18%). Quando questionados se os filhos apresentavam algum dos hábitos saudáveis citados previamente, 13 (43%) pais não responderam ao questionamento feito; 3 (10%) negaram que seus filhos tivessem algum dos hábitos saudáveis apontados e 14 (47%) pais responderam que seus filhos possuíam um ou mais dos hábitos saudáveis apontados por eles. Dentre esses, os hábitos mais frequentemente apontados, observamos o hábito de cantar (n = 5; f = 36%) e não tomar gelado (n = 4; f = 29%).

Em relação à investigação sobre o conhecimento de hábitos prejudiciais para a voz, 7 (23%) pais não responderam ao questionamento feito. Os hábitos mais frequentemente citados pelos demais 23 (77%) respondentes foram: gritar (n = 21; f = 91%); falar alto (n = 11; f = 48%) e tomar gelado (n = 3; f = 13%). Questionados se os filhos apresentavam algum dos hábitos prejudiciais à saúde vocal previamente citados, 12 (40%) pais não responderam. Dentre os 18 (60%) respondentes, 2 (11%) pais negaram que seus filhos possuísem algum dos hábitos apontados e 16 (89%) responderam que seus filhos apresentavam um ou mais dos hábitos, sendo que os mais frequentemente citados foram: gritar (n = 13; f = 81%) e falar alto (n = 9; f = 56%).

Após as investigações foram realizadas ações educativas com os pais e com os alunos, visando à construção de conhecimentos a respeito dos temas abordados no estudo, buscando contribuir para a adoção de cuidados voltados para a manutenção da saúde vocal e auditiva dos educandos.

As atividades educativas com os pais vem sendo realizadas em um único dia, devido à dificuldade em obter a presença deles na escola. Em relação à voz, foram abordados os seguintes temas: anatomia e fisiologia da fonação e higiene vocal infantil. No que diz respeito ao trabalho educativo sobre audição, os temas discutidos foram: anatomia e fisiologia do sistema auditivo, problemas otológicos mais frequentes na população infantil, cuidados com a audição e estratégias facilitadoras da comunicação que devem ser adotadas pelos pais quando da ocorrência de problemas otológicos nas crianças.

As ações educativas com os alunos foram desenvolvidas em todas as salas envolvidas no estudo, separadamente, em três encontros com duração de 45 minutos cada encontro. Os temas envolvidos foram os mesmos daqueles abordados com os pais, entretanto, os materiais e metodologias de ensino-aprendizagem adotadas foram adequados à faixa etária dos alunos. Por exemplo, foram utilizadas dramatizações, contagem de histórias, músicas sobre os temas abordados.

Segundo Andreola (1999), o jogo de desempenho de papéis ou *roleplaying* consiste na dramatização rápida de uma situação e pode facilitar a compreensão de um problema; o grande valor desta atividade está na possibilidade de vivenciar as situações.

Previamente ao desenvolvimento das ações educativas foi solicitada a realização de um desenho relacionado ao tema geral que seria abordado, ou seja, voz e audição. Ao final do trabalho educativo, era solicitado um novo desenho com a mesma temática. A análise comparativa dos desenhos, bem como a participação ativa dos alunos durante as atividades, em especial, ao serem

cantadas as músicas, sugerem que os alunos construíram novos conhecimentos sobre os temas abordados.

Os dados obtidos na investigação inicial realizada com os pais indicam a ocorrência de queixas sugestivas de problemas auditivos e vocais nos alunos, bem como a adoção de condutas nem sempre corretas ou suficientes para minimizar o problema apresentado pela criança, mostrando a pertinência das atividades educativas com os familiares e com os alunos.

ANDREOLA, B. A . *Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro*. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 86p

BEHLAU, M., GONÇALVES, M.I.R. Considerações sobre disfonia infantil. In: FERREIRA, L.P. *Trabalhando a voz*. 2º ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.p.99-107.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As Cartas da Promoção da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

CAGLIO, P. C., GUAICURÚ, Y., MARGALL, S. A C. Caracterização do padrão vocal de crianças com abuso vocal e sem abuso vocal. *Cad. Cent. Iniv. São Camilo*, v.3, n.2, p.113-23, 1997.

FOCESI, E. Uma nova visão de saúde escolar e educação em saúde na escola. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v.2, n.1, p.19-21, 1992.

HUBIG, D. O. de C. ; SCHOCHAT, E. Atenção primária em audiologia. In: BEFI, D. (org.). *Fonoaudiologia na atenção primária à saúde*. São Paulo: Lovise, 1997. 199p. (Atualidades em Fonoaudiologia, 3).

SILVERMAN, E.M., ZIMMER, C.H. Incidence of chronic hoarseness among school-age children. *J. Speech Hear.Disord.* v.40, p.2211-5,1975.

PROEX/UNESP